

Enem e o discurso da oportunidade como retórica salvacionista da educação

Simone Gonçalves da Silva

Álvaro Moreira Hypolito

159

Resumo

A partir de noções foucaultianas, como discurso e governamentalidade, são analisados vídeos oficiais sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), mostrado como um modo de regulação que ajuda a organizar a vida em sociedade, como uma fabricação do ser e do estar no mundo. O *corpus* discursivo selecionado envolve dez vídeos oficiais a partir de 2009. A pesquisa intencionou identificar como os discursos desses vídeos sobre o Enem se constituem em estratégias de governamentalidade, definem normas de controle de conduta e produzem modos de subjetivação. Destaca análises que identificam o Enem como uma governamentalidade neoliberal, sustentada por uma série de discursos e práticas discursivas colocadas em movimento pelos recursos midiáticos. Além disso, o texto indica um discurso sobre os sujeitos por meio da ideia de “oportunidade”, que está na ordem do discurso neoliberal, como discurso salvacionista e empreendedor da educação.

Palavras-chave: comunicação e educação; discursos; Enem; governamentalidade.

Abstract

Enem and the discourse of opportunity as a salvationist rhetoric of education

Based on Foucauldian concepts, such as discourse and governmentality, this article analyzes official government videos about the National High School Exam (Enem) evaluation policy, there presented as a way to regulate life in society, as a fabrication of the being and existing in the world. The research corpus is composed of ten videos from 2009 and on. The research intended to identify how these discourses on Enem constitute governmentality strategies, define rules of conduct control and produce ways of subjectivation. It highlights analyzes that identify Enem as a neoliberal governmentality, supported by a series of discourses and discursive practices put in motion by media. In addition, the text indicates a discourse about the subjects through the idea of "opportunity", which is in the order of neoliberal discourse, as a salvationist and entrepreneurial discourse in education.

Keywords: communication and education; discourses; Enem; governmentality.

Resumen

Enem y el discurso de la oportunidad como retórica salvacionista de la Educación

A partir de nociones foucaultianas, como el discurso y la gubernamentalidad, se analizan videos oficiales sobre el Examen Nacional de Enseñanza Media (Enem), tratando de mostrar el examen como un modo de regulación que ayuda a organizar la vida en sociedad, como una fabricación del ser y estar en el mundo. El corpus discursivo seleccionado incluye 10 (diez) videos oficiales a partir del año de 2009 (dos mil nueve). La investigación se centra en identificar cómo los discursos de estos videos sobre Enem constituyen estrategias de gubernamentalidad, definen normas de control de la conducta y producen modos de subjetivación. Destacando los análisis que identifican al Enem como una gubernamentalidad neoliberal, sustentada en una serie de discursos y prácticas discursivas puestas en marcha por los recursos mediáticos. Además, el texto indica un discurso sobre los sujetos a través de la idea de "oportunidad", que se incluye en el orden del discurso neoliberal, como un discurso salvacionista y empresarial de la educación.

Palabras clave: comunicación y educación; discursos; Enem; gubernamentalidad.

Introdução

O artigo é o recorte da tese *Governamentalidade neoliberal, educação e modos de subjetivação: o discurso do Enem* (Silva, 2018), que problematizou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como uma estratégia de governamentalidade neoliberal. O exame é uma política de avaliação, uma proposta para orientar o currículo do ensino médio e unificar o processo seletivo para a educação superior. Surge para compor o conjunto de iniciativas de avaliações nacionais (Saeb, Prova Brasil, Enceja e Enade) e internacionais (Pisa) padronizadas, como um instrumento para orientar uma determinada qualidade da educação, definida por agendas educacionais nacionais e internacionais.

A pesquisa base deste artigo teve a intenção de identificar como alguns discursos sobre o Enem, veiculados por meio dos vídeos do Ministério da Educação (MEC), atuam como um modo de regulação que ajuda a organizar a vida em sociedade, como uma fabricação do ser e do estar no mundo ao induzir normas de controle da conduta e produzir modos de subjetivação. Nas análises sobre os discursos oficiais do Enem, percebe-se uma ênfase na palavra “oportunidade”, que atende a uma ordem do discurso neoliberal, como um discurso salvacionista e empreendedor da educação.

As próximas seções tratam, inicialmente, do modo de organização das ações de investigação. Em seguida, problematiza-se o uso do termo “oportunidade” como um discurso empreendedor e como uma verdade salvacionista da educação, que vem sendo posto em funcionamento por meio da mídia, a fim de melhor compreender como o Enem se institui como estratégia de governamentalidade. Nas considerações finais, aprofunda-se a análise da investigação que buscou evidenciar como os vídeos oficiais sobre o Enem funcionam como uma racionalidade neoliberal para o processo de reforma educacional no cenário brasileiro, como constituidor de um discurso regulador.

Sobre a pesquisa

A pesquisa problematiza discursos das mídias oficiais sobre o Enem. A análise envolveu os vídeos veiculados pela televisão aberta a partir de 2009, totalizando dez vídeos.¹ Não houve seleção de vídeo de 2012, por ter sido encontrado somente um com lembretes para o dia da prova. O *corpus* selecionado se refere a informações, a chamadas de inscrições e instruções com ênfase no exame. Cada edição se refere a um vídeo; quando o ano possui mais de uma campanha publicitária do Enem, as edições foram identificadas com os números 1, 2 ou 3 e o referido ano:

¹ Os vídeos selecionados circularam na televisão aberta, de 2009 até 2017, foram produzidos até o momento de defesa da tese (Silva, 2018). A descrição dos vídeos encontra-se no apêndice da tese e eles podem ser acessados na página do Centro de Estudos em Políticas Educativas (Cepe), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) <https://wp.ufpel.edu.br/cepe/publicacoes/videos/>. Criou-se essa estratégia de acesso para que possam ser visualizados, uma vez que podem sair de circulação do *site* original.

- 1) Edição 1 de 2009 – Chamada de inscrições.
- 2) Edição 2010 – Chamada de inscrições.
- 3) Edição 2011 – Chamada de inscrições.
- 4) Edição 1 de 2013 – Chamada de inscrições.
- 5) Edição 2 de 2013 – Lembretes do dia da prova.
- 6) Edição 3 de 2013 – Divulgação para utilização da nota do Enem.
- 7) Edição 2014 – Chamada de inscrições.
- 8) Edição 2015 – Chamada de inscrições.
- 9) Edição 2016 – Chamada de inscrições e divulgação do Programa Nacional “Hora do Enem”.
- 10) Edição 2017 – Chamada de inscrições.

Acredita-se na potencialidade do uso das mídias como fonte de análise e contribuição para a pesquisa, pois os textos midiáticos podem ser uma forma de linguagem que se constitui como prática social a interpelar modos de significação e transformação dos sujeitos nas relações sociais e culturais. Como aponta Ball (2013), os moldes midiáticos estabelecem uma afinidade emocional consigo e com os pares, ao vincular uma aprendizagem conveniente de serventia para nossas relações cotidianas.

A mídia televisiva, em especial, é a que está mais próxima da realidade da maioria dos brasileiros e, atualmente, a internet, por meio das redes sociais, também tem se mostrado potente em atingir uma grande parcela da população. Os discursos que circulam nesses meios de comunicação vêm conquistando espaço na vida das pessoas pelo apelo psicológico, que produz efeitos e inventa sujeitos consumidores nesses espaços midiáticos.

Percebe-se que desde 2009, período que compreende as análises dos vídeos, o governo federal parece reconhecer a abrangência social das propagandas oficiais veiculadas nos canais abertos de televisão e nas redes sociais pela internet e tem investido cada vez mais nesses espaços para chamar atenção da população brasileira. No caso em estudo, esse expediente midiático passa a se constituir como parceiro na disseminação e na divulgação do Enem.

A utilização das mídias institucionais do MEC para análise pode ser justificada pelo pensamento de Foucault (2008b, p.140), como mecanismos utilizados para atender aos objetivos do governo da população, que podem ocorrer por intermédio de campanhas: “é a população que aparece como o fim e o instrumento do governo: sujeito de necessidades, de aspirações, mas também objeto nas mãos do governo”.

Ellsworth (2001) observa que os textos educacionais, como os vídeos, pressupostamente identificam seu público-alvo e com isso se utilizam de estratégias para se aproximar do telespectador. As propagandas oficiais empreendem esforço para que as peças – cenário, imagens, vocabulário, personagens –, em algum momento, façam referência aos entretenimentos da cultura estudantil. Essa estratégia é uma peculiaridade presente nos vídeos do Enem.

As noções de discurso e governamentalidade auxiliaram na interrogação do material empírico sobre o Enem, o que nos permitiu compreender como o poder

funciona por meio dos discursos midiáticos oficiais. Interessou-nos mostrar como os discursos operam e produzem/inventam as posições de sujeito, com efeitos na constituição dos processos de subjetivação. Isso envolve um olhar sobre como as realidades se tornam de determinada maneira, sem recorrer a essencialismos do que está escondido ou de como deveriam ser. No caso, como os discursos do Enem são produzidos e quais são seus efeitos.

A utilização da noção de governamentalidade como uma lente teórica e metodológica será articulada à análise com a noção de discurso. Essa noção serve para compreender as estratégias instituídas pelas condutas dos sujeitos relacionadas às práticas de governo, operadas pelas técnicas de dominação – “as maneiras pelas quais os indivíduos são dirigidos por outros” – e pelas técnicas de si e pelos processos de subjetivação, de governo de si – “os modos como conduzem a si mesmo” (Foucault, 2011, p. 155). O encontro entre essas técnicas de dominação e as técnicas de si constituem as práticas de governo exercidas na contemporaneidade, no caso, pelas práticas decorrentes dos vídeos sobre o Enem.

Desse modo, o emprego da noção de governamentalidade permite que se analise e vislumbre como certas práticas de governo – políticas avaliativas e curriculares, como o Enem – são colocadas como estratégicas pelo governo de uns sobre os outros (técnicas de dominações) e pelo governo de si mesmo (técnicas de si), que produzem e ao mesmo tempo são produzidas por racionalidades específicas, neste caso a neoliberal.

O Enem foi instituído pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 1998, conforme Portaria Ministerial nº 438, de 28 de maio de 1998, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Em 2009, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o exame sofreu alterações na sua estrutura de prova e também aumentaram as atribuições a partir dos resultados obtidos nele, conforme Portaria Ministerial nº 109, de 27 de maio de 2009. Essa proposta denominada “Novo Enem” teve continuidade nos governos da presidente Dilma Rousseff e do presidente Michel Temer.

O Enem foi organizado e planejado durante diversos Governos,² com modelos diferentes de administração e constituídos por partidos políticos que disputavam o poder, ainda que a política avaliativa tenha permanecido sempre como gerencial. Cabe destacar que se percebe uma enorme contribuição do Enem para democratização de ingresso nas instituições de educação superior. No entanto, não se discute neste artigo as intenções de Governo, apesar de identificarmos a existência de muitas tensões, rupturas e nuances de distinções nos projetos de Governo como instituições de Estado. A preocupação da discussão de governo está em como as práticas de governo, propostas pelas reformas e políticas educacionais no País, no caso o Enem, constituem-se em um discurso que disputa subjetividades desde uma racionalidade neoliberal.

² O termo “Governo”, com a letra g maiúscula, destina-se ao entendimento da instituição do Estado, “o Governo da República, o governo municipal, o Governo do Estado (em geral grafado com G maiúsculo) – é essa instituição do Estado que centraliza ou toma, para si, a caução da ação de governar. Nesse caso, a relação entre segurança, população e governo é uma questão de Governo” (Veiga-Neto, 2005, p. 82). E “governo”, iniciado com a letra g minúscula, refere-se aos conjuntos de práticas de governo da população que são “ações distribuídas microscopicamente pelo tecido social” (Veiga-Neto, 2005, p. 83).

Nessa direção, entende-se que o discurso do Enem está vinculado ao fenômeno da racionalidade neoliberal no cenário contemporâneo. Esse discurso produz e ao mesmo tempo é produzido pelo fenômeno de uma obsessão colocada à educação, o que, neste estudo, percebe-se pelo uso imperioso da palavra “oportunidade”. Desse modo, os discursos interpelam os indivíduos e os inscrevem em modos de vida influenciados pelo discurso empreendedor do neoliberalismo e pela retórica salvacionista da educação.

Enem: o discurso sedutor da oportunidade

Para iniciar a discussão, são apresentados alguns excertos do *corpus* selecionado:

Todo mundo tem que saber que o Enem mudou e agora ele vai ser muito mais importante. Além de melhorar a qualidade no ensino médio, o novo Enem vai dar mais oportunidade de acesso ao ensino público superior. (Edição 1 de 2009).

Essa Nova prova do Enem, com esse novo sistema eu vi uma oportunidade e está sendo uma experiência de vida. (Mariana Bochenek, aluna da Unifesp. Edição 2011).

Todo mundo precisa de oportunidade. Para fazer um curso técnico, uma faculdade. Ter uma vida feliz, com qualidade. (Cantores Mumuzinho e Mariana Nolasco. Edição 1 de 2014).

164

Os fragmentos demonstram a centralidade da *oportunidade* nos discursos sobre o Enem. É potente o que ela produz na análise do exame como uma estratégia de governamentalidade e como um modo de regulação do ser e do agir nesse contexto neoliberal.

Considera-se que a busca pela oportunidade produz efeitos na construção do sujeito empresário de si e na ênfase em uma sociedade educativa – sociedade da aprendizagem. O sujeito dessa sociedade deve ser capaz de aprender a gerenciar a própria vida, a fazer escolhas diante das oportunidades, de tal modo que sustente a produção dos discursos de reformas educacionais e o Enem.

A palavra *oportunidade* emerge como capacidade de escolha do sujeito. Essa liberdade de escolha fica a cargo da administração do sujeito, que só se torna possível pelo permanente investimento em si mesmo, o sujeito empreendedor de si, que está em constante processo de aprendizagem. O investimento em seu próprio potencial é uma condição favorável de sobrevivência em uma sociedade baseada nos mecanismos de concorrência.

O discurso do Enem insiste na noção de oportunidade, reforça a perspectiva de livre escolha do indivíduo para participar do processo de democratização da educação e passa a exercer um discurso de cunho salvacionista, um discurso pastoral e um discurso empreendedor. Aí reside seu potencial. A democratização da educação torna-se central no cenário de racionalidade neoliberal e reverbera como promessa da salvação, que busca pela vida melhor: sucesso, ascensão econômica e social, realização profissional, felicidade, bem-estar, saúde e qualidade de vida.

Trata-se do exercício de poder pastoral na era da governamentalidade neoliberal. Uma arte de governo que não pode ser compreendida apenas no domínio espiritual e moral, mas que opera associada a uma racionalidade neoliberal de Estado, que amplia as capacidades de governo, no sentido de “como se deve governar e conduzir os indivíduos, mas também sobre como os próprios indivíduos podem tomar a si a tarefa de se autogovernarem e de se autoconduzirem em suas vidas” (Gadelha, 2009, p. 124). Desse modo, o poder pastoral se mantém naturalizado nas práticas cotidianas da população.

O discurso pastoral, conforme Michel Foucault, é uma tecnologia de poder advinda das instituições cristãs. Apresenta formas específicas de poder: a) como objetivo à salvação; b) oblativa, de sacrifício pela vida e pelo rebanho; c) individualizante, cuida da comunidade e de cada um em particular; d) coextensiva à vida do indivíduo e constitui seu prolongamento; e, e) relacionada à produção da verdade, a verdade do próprio indivíduo (Foucault, 1995).

O poder pastoral não desapareceu com a instituição do estado moderno. Esse poder se transformou em uma nova forma de poder. As técnicas do poder pastoral, advindas do cristianismo, foram reconfiguradas para o governo dos indivíduos e acompanham o desenvolvimento de estratégias governamentais. Essa nova forma específica de poder pode se vislumbrar ao ser elencada à análise do Enem, pois a salvação não é mais de outro mundo, é necessário garanti-la neste mundo. Assim, quando os ditos apontam *oportunidade* como o que possibilitará uma vida feliz, estar de bem com seu futuro, fazer a vida mudar, ser alguém e crescer, a oportunidade se coloca como a salvação. O discurso do Enem é capaz de trazer esses benefícios para o indivíduo, para o autogerenciamento dos riscos sociais e de seu futuro.

O poder pastoral deixou de ser centralizado no âmbito da igreja como única instituição capaz de conduzir o rebanho. E, desse modo, “houve um reforço da administração do poder pastoral [...] exercida pelo aparelho de Estado ou, pelo menos uma instituição pública [...] o poder se exercia através de empreendimentos privados [...] para assumir funções pastorais” (Foucault, 1995, p. 238).

Na contemporaneidade, segundo Ball (2013, 2014), emerge uma arte de governar neoliberal que não apresenta oposições entre Estado e não Estado, de modo que são constituídas redes de poder, redes de governança que redefinem as práticas de governo. Esse modelo de governo, denominado governança, funciona pelo aparente enxugamento do Estado e fortalecimento de poderes políticos da sociedade civil. O Estado passa a estar articulado a diversos atores para administrar o poder pastoral, tais como: as instituições públicas, as instituições privadas, os meios de comunicação, a família; e a sociedade civil.

As discursividades do Enem não se posicionam somente para a salvação individual – sucesso, qualidade de vida –, mas abrangem a salvação da sociedade, do país, da nação, por meio da qualidade do ensino médio, do desenvolvimento do país, desde que cada um faça a sua parte. O Enem, como estratégia de controle da conduta dos sujeitos, demanda a todos e a cada um a tomar para si a condução da própria vida, a administração de seus riscos e potencialidades para que se tornem partícipes na construção dessa sociedade mais desenvolvida.

O estado moderno possui influência do poder pastoral na articulação dos modos de governar, ao desenvolver estratégias para a condução do rebanho relacionadas à salvação do Estado por meio da racionalidade. A atuação do poder do Estado ampara-se nas técnicas individualizadoras, simultaneamente totalizadoras. Dessa forma, surgem as práticas disciplinares para a regulação do corpo-indivíduo e a estatística, que quantifica os fenômenos específicos da população para a regulação do corpo social, modos de poder que se aliam para praticar uma mesma forma de racionalidade política.

Educação como um discurso salvacionista

A captura pela oportunidade constrói uma grande verdade sobre o Enem em uma suposta tentativa de democratização da educação, sendo uma narrativa da educação como salvação. Desse modo, a democratização da educação como oportunidade está relacionada a um discurso salvacionista, a um discurso pastoral que potencializa o empresário de si na disputa pelas subjetividades do estudante no ensino médio.

Noguera-Ramirez (2011, p. 230), ao abordar a centralidade da educação, discute o papel das sociedades de aprendizagem, dos aprendizes permanentes, e a produção do novo cidadão desse tipo de sociedade: *homo discens*. Uma das formas de governo é a aprendizagem, as práticas são direcionadas para o aprendiz pela sua condição ao longo da vida. Aprender a gerenciar a própria vida, a fazer escolhas diante das oportunidades é desse tempo, uma era da governamentalidade neoliberal, uma era da sociedade da aprendizagem.

Pode-se destacar como exemplo o vídeo de chamada de inscrições no qual também ocorre a divulgação do projeto “Hora do Enem”, lançado em 2016 pelo MEC, com programa de televisão e plataforma de estudos voltados para auxiliar e preparar os participantes que têm interesse em realizar a prova. O “Hora do Enem” é um projeto articulado aos diversos meios de comunicação: boletim de notícias e programas exibidos na programação televisiva – TV Escola; plataforma de estudo *online*, contendo exercícios e simulados; *site* com acesso a questões comentadas para assistir e baixar; Mecflix, analogia ao Netflix, que é o espaço onde se encontram as vídeo-aulas. Todo o material do projeto pode ser acessado no aplicativo da TV Escola, com celulares compatíveis.

Chegou o portal Hora do ENEM. Que é melhor que cursinho ou professor particular. Olha só: você entra no portal “Hora do ENEM”. Define o curso que você quer fazer e o tempo que tem disponível para estudar. Com isso, você responderá algumas questões. E, em seguida, receberá um plano de estudos para começar a estudar imediatamente. Exclusivo, só seu. [...] Chegou a “Hora do ENEM”. Mais que um cursinho exclusivo para você, é um plano de estudos detalhado e personalizado para te ajudar a ingressar no curso dos seus sonhos. (Edição de 2016).

A maneira como os estudantes do ensino médio são interpelados pelos referenciais da mídia captura a subjetividade, de modo a intensificar a

individualização das responsabilidades pelos desempenhos escolares, e implica a busca pelo sucesso e pelo mérito com investimentos em seus percursos formativos, com novas relações com os conhecimentos escolares e ênfase na aprendizagem, no desempenho e na autodisciplina.

A educação, nesse sentido, assume o caráter de garantir a salvação do indivíduo e da sociedade ao se apoiar no discurso da oportunidade como forma de governo, o que está muito presente no discurso do Enem. A *oportunidade* tem, assim, efeitos no governo da vida dos sujeitos ao conduzir à promessa de salvação por meio da educação.

As enunciações sobre o Enem apresentam a educação como o caminho capaz de chegar à salvação, educação como única verdade. O Enem é o meio, é a porta que torna esse caminho possível, comparável com a citação bíblica com relação à metáfora do caminho: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6).

No vídeo institucional de chamada de inscrições de 2015, identifica-se um grande investimento na metáfora do caminho. O vídeo é composto por cenas de diversos caminhos a serem percorridos. Inicia-se com a cena de um quarto de um estudante, que está acordando para estudar, e segue com as cenas de: parque, túnel de trem, trilhas, corredores de escola, sala de aula, tobogã, piscina de natação, corredores de diversos lugares, metrô, jovens seguindo um caminho na escola, ondas, montanha-russa, caminhada em montanha, túnel, pontes, estradas. Em alguns momentos, aparecem nos cenários pessoas caminhando felizes e se aventurando. A imagem do estudante ao percorrer esses lugares e trajetos está relacionada a alguém que acorda para a vida e precisa seguir vários caminhos: levantar para estudar, administrar a própria jornada, ser o senhor da sua história e ir à luta.

Os caminhos precisam ser percorridos, seguem uma reta, uma meta a ser traçada, apesar de suas linhas turvas e com altos e baixos. Assim, a educação não é um caminho fácil, exige sacrifícios, mas não é impossível. Precisa ser trilhado para se chegar à sua finalidade, à salvação, à busca pelo sucesso, pela qualidade de vida e pela felicidade. É praticamente utópico a educação se colocar por toda vida, assim como os caminhos que não têm um ponto final, estão além do horizonte, mas precisam ser percorridos. Segue um fragmento:

A educação é um caminho cheio de oportunidades. Só ela pode levar você mais longe. E o Enem abre as portas desse caminho. Abre as possibilidades para você avançar. Só a educação faz você ganhar o mundo. E o mais importante: faz o mundo ganhar você. Uma pátria educadora, se faz com educação de qualidade. Enem 2015. Seu caminho está aberto, as inscrições também. Não perca o prazo. A construção do seu futuro começa já. (Edição 2015).

As propagandas oficiais e as falas dos representantes do governo aparecem como mensageiros de um regime de verdade que posiciona o Estado/Governo como estimulador dos caminhos escolares e profissionais a serem escolhidos, enfatizando a necessidade de "caminhos de oportunidades". O Enem aparece como o "grande portal" que dá acesso a outras "portas" que configuram o início de uma caminhada, a de investimentos educacionais, com ênfase em que "a

educação é um caminho cheio de oportunidades”. Há aqui uma supervalorização da educação como modo de ascender socialmente, ganhar mais, consumir mais, ser mais e viver mais.

A educação é o caminho – o meio/trajeto a ser percorrido –, por isso não é fácil, nenhum caminho é fácil para alcançar a *salvação*. O certame do Enem é a forma como o Governo auxilia e promove a promessa de salvação, ao garantir abrir a “porta”, e apresentar o exame como caminho para o acesso a outras portas. É um ritual de passagem, no qual essas portas são investimentos educacionais institucionalizados – ensino superior público ou privado, ensino técnico – que possibilitam aos sujeitos novas oportunidades, logo, a responsabilização pela administração de sua vida. Assim, a *salvação* será lograda em busca da vida plena, feliz, com qualidade, êxito e sucesso.

Com a metáfora das portas pode-se compreender, com base no discurso do Enem, que o MEC faz a sua parte, cria/abre as portas. É preciso confiar no Enem como uma porta, já que o MEC está “cuidando” da vida de cada um, oportunizando possibilidades antes não imaginadas. Os vídeos institucionais produzidos em 2013 e 2014 utilizam em seus cenários portas azuis, em fundo branco, buscando o imaginário social no qual o céu é branco e azul, como o lugar onde se encontra Deus, construído no domínio religioso, e, ao mesmo tempo, como uma promessa de futuro tranquilo, visto que essas cores também remetem a paz, harmonia e serenidade. Seguem alguns excertos que remetem à metáfora da porta:

168

Com o Novo Enem a porta do ProUni agora se abre para as universidades federais. Novo Enem. Um caminho com mais oportunidades. Ministério da Educação. Brasil um país de todos – Governo Federal. (Narrador. Edição 1 de 2009).

Lembre-se: o Enem é o passaporte para os institutos e as universidades federais. Ele é a porta de entrada para o ProUni e para o Fies. É uma importante ferramenta para avaliação do ensino médio. (Edição de 2011).

Tô bem, no Enem. Esse futuro já é meu também. [...] Uma porta que abre outra porta, que abre outra porta, que abre outras portas. Esse futuro já é meu também. (Edição 2 de 2013 – Manu Gavassi – *single* “Enem do Bem”).

Cada porta que se abre é o futuro que nasce. Outra porta que se abre. É um jovem que cresce. Com o MEC e o Enem, esse futuro já é seu também. Inscreva-se para o Enem de 12 a 23 de maio. Não perca o prazo. A educação é o seu caminho de oportunidades. Acesse o *site* e conheça todas elas. Ministério da Educação. Governo Federal. (Edição 1 de 2014).

As discursividades do Enem, sustentadas pelas metáforas religiosas, interpelam os indivíduos e os inscrevem em modos de vida influenciados pelo discurso empreendedor do neoliberalismo e pela retórica salvacionista da educação. Os fragmentos discursivos dos vídeos, assim como a produção dos cenários e a atuação dos personagens, em muitos momentos, relacionam-se com os discursos religiosos para sustentação de regimes de verdade. Por exemplo, “as portas”, “o caminho” e “estar *zen*” se aproximam de metáforas/expressões religiosas.

A propaganda institucional do Enem em 2013, protagonizada por Manu Gavassi, com o *single* “Enem do Bem”, é composta por duas partes apresentadas

em dois comerciais. No primeiro, veicula-se a canção informativa para o dia da prova. O segundo, é direcionado para informar sobre a utilização da nota do Enem, após a divulgação dos resultados pelo Inep:

Tô bem, no Enem, esse futuro já é meu também [...]. (Edição 2 de 2013 – Manu Gavassi, *single* “Enem do Bem”).

Tô bem, tô zen. Entrei para a faculdade com o Enem. [...] Uma porta que abre outra porta, que abre outra porta, que abre outras portas. Esse futuro já é meu também. (Edição 3 de 2013 – Manu Gavassi – *single* “Enem do Bem”).

Novamente, reconhece-se a presença de certa religiosidade pela utilização do termo *zen*, toda vez que é mencionado traz a ideia de paz, de estar bem consigo, de encontrar a tranquilidade, um momento de contemplação da vida. A palavra *zen* refere-se a um tipo de meditação relacionada ao budismo, filosofia de vida ou religião oriental que pretende alcançar a iluminação, a sabedoria, a paz, a liberdade e a serenidade. Parece que relacionar o resultado do Enem com estar *zen* é poder estar em um estado de espírito individual, em uma busca por autoconhecimento para melhor se gerenciar; parece ser o momento de contemplar a vida com a utilização da nota, em que cada jovem pode estar em paz, descansado para poder escolher a porta e seguir o seu caminho, pois está no caminho certo para garantir o futuro, o sucesso, a felicidade e, portanto, a salvação.

A influência dessa religiosidade, mesmo que o termo *zen* possa ter uma conotação não religiosa, no vídeo analisado, contempla princípios de conquista, vitória, triunfo, paz, esperança, consciência tranquila e virtudes. Vale enfatizar que a liturgia da salvação envolve um caminho a ser percorrido individualmente, aquele que se encontra no caminho certo, que está cumprindo sua missão e sua função e será recompensado, é um bem-aventurado. O estudante que aderir ao discurso do Enem poderá ser um bem-aventurado, terá a recompensa de vivenciar o espaço da universidade e, para além disso, ter como possibilidade a realização de seus sonhos, um futuro e o alcance da felicidade. Como apontam os discursos selecionados:

É um pouco assim de tudo: de aventura, de sonho. (Gislene Costa, aluna da Univasf, natural de Minas Gerais, estudante. Edição 2010).

Eu espero de mim um futuro grandioso. Pelo fato de ter entrado na Universidade Federal do Vale do São Francisco. (José Everton, aluno da Univasf, natural de Pernambuco, estudante. Edição 2010).

[...] Enem. Você de bem com o seu futuro. (Edição 2 de 2013).

A recompensa só chega para aquele que demanda as virtudes, sacrifica-se, responsabiliza-se pelo bom aproveitamento da *oportunidade*, uma vez que o Governo terá feito a sua parte. A bem-aventurança está a cargo do sujeito, então o problema do insucesso está unicamente relacionado ao indivíduo. Pode-se visualizar o caráter individualista e meritocrático em busca da qualidade de vida e da realização pessoal: “O direito de estudar é de todos. O mérito da conquista é sempre seu” (Edição 1 de 2013). A bem-aventurança como uma promessa de vida parece surgir como uma conversão, é outro elemento da orientação religiosa presente nos discursos do Enem.

O interesse deste artigo foi problematizar a forma como o discurso das campanhas midiáticas vai construindo uma verdade de salvação relacionada a “conversão” ao Enem, assim como ocorre na edição de 2017, na afirmativa: “O Enem é você quem faz”. Os vídeos constroem uma realidade de possível sucesso individual e da sociedade, ao mesmo tempo que convocam a todos para a construção de uma realidade de sucesso, cooptam o sujeito para a causa de salvação de si e do seu país. O discurso salvacionista do Enem parece se apropriar do discurso religioso ao mostrar cenas que remetem a metáforas de passagens bíblicas, nos vídeos, como testemunho de fé e nas músicas, como louvor.

A essência do poder pastoral é a noção de cuidado e governo que abrange tanto a totalidade do rebanho quanto a singularidade de cada ovelha. Foucault (2008b, p. 170) afirma que “o poder pastoral é um poder de cuidado. Ele cuida do rebanho, cuida dos indivíduos do rebanho, zela para que as ovelhas não sofram, vai buscar as que se desgarraram, cuida das que estão feridas”. O pastor religioso é aquele que cuida; na sociedade moderna, é aquele que se preocupa com o corpo e a vida de todos na terra, é um modo de governar a todos.

As enunciações anotadas do Enem posicionam os sujeitos como pastores, por exemplo: o professor ao se direcionar aos estudantes na sala e falar em voz alta que o Enem mudou; os estudantes que ingressaram na universidade e comentam a experiência; os reitores das universidades que argumentam a importância do Enem; as personalidades da mídia e os estudantes do ensino médio. O pastor tem em sua prática uma perspectiva salvacionista, de cuidar das necessidades do rebanho, e no Enem os pastores são múltiplos. Eles exercem a função de legitimar a adesão, conquistar os adeptos e produzir indivíduos conscientes e de boas ações, que estudam e que investem em seu capital humano.

Segundo Garcia (2002, p. 69), “a função pastoral extrapolou o âmbito de instituições tradicionais como as religiosas e as educativas e está hoje disseminada por um conjunto de ‘especialistas’ e de aparatos como a televisão e a mídia”. Desse modo, a função pastoral é exercida por pastores diversificados como pais, psicólogos, professores, colegas/estudantes, gerentes de empresas e personagens midiáticos.

Governar os outros e a si remete às práticas de poder pastoral, à governamentalidade. O poder pastoral não está relacionado somente ao caráter religioso, mas aparece de forma recorrente na modernidade. A principal característica do poder pastoral é o cuidado, que possibilita o desenvolvimento das tecnologias governamentais do Estado moderno que estrategicamente governa necessidades de cada indivíduo e das populações.

O governo de si e dos outros, a governamentalidade (Foucault, 2008a), nos vídeos sobre o Enem, é exercida pelo discurso da oportunidade que implica reativar o discurso pastoral no âmbito da educação. O poder dirigido à salvação remete às práticas associadas a tradição cristã e influencia o modo de governo dos indivíduos em um campo de domínio de aplicação de uma racionalidade de Estado, algo de extrema importância para a modernidade. O discurso pastoral, propagado pelas enunciações do Enem, suscita o efeito da governamentalidade. A educação assume uma centralidade na sociedade sob a retórica da salvação.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar os vídeos oficiais do Enem, a fim de identificar os efeitos desse discurso sobre os indivíduos quanto aos processos de subjetivação, tendo em vista o controle da conduta que visa tornar os estudantes mais aptos e performativos para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade.

A potência da palavra “oportunidade”, presente nos discursos do Enem, torna possível reconhecer a retórica salvacionista atribuída à educação e ao poder sobre as condutas de todos ao interpelar e inscrever os indivíduos em modos de viver, de ser e de agir em uma sociedade educativa, em uma sociedade da aprendizagem. Identifica-se que nesse contexto a aprendizagem assume a centralidade alinhada aos preceitos de uma sociedade neoliberal que corporifica narrativas particulares sobre o sujeito e a sociedade, constituindo-os como sujeito aprendiz e como sociedade da aprendizagem.

Em síntese, as análises empreendidas denotam que os discursos nos vídeos sobre o Enem se constituem como uma estratégia de governamentalidade neoliberal sustentada por uma série de discursos e práticas discursivas colocadas em movimento pelos recursos midiáticos. Percebe-se um discurso que incide sobre os sujeitos por meio da *oportunidade*, que atende a uma ordem do discurso neoliberal, como um discurso salvacionista e empreendedor da educação.

Referências bibliográficas

- BALL, S. J. Aprendizagem ao longo da vida, subjetividade e a sociedade totalmente pedagogizada. *Educação*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 144-155, maio/ago. 2013a.
- BALL, S. J. Novos Estados, nova governança e nova política educacional. In: APPLE, M. W.; BALL, S. J.; GANDIN, L. A. (Org.). *Sociologia da educação: análise internacional*. Porto Alegre: Penso, 2013b. p. 177-189.
- BALL, S. J. *Educação Global S.A.: novas redes políticas e o imaginário neoliberal*. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Portaria nº 109, de 27 de maio de 2009. Estabelece a sistemática para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio no exercício de 2009 (Enem/2009) como procedimento de avaliação do desempenho escolar e acadêmico dos participantes. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 maio 2009. Seção 1, p. 56.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Portaria nº 438, de 28 de maio de 1998. Institui o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1 jun. 1998. Seção 1, p. 5.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, M. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980* (excertos). Organização: Nildo Avelino. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

GADELHA, S. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GARCIA, M. M. A. O intelectual educacional e o professor críticos: o pastorado das consciências. *Currículo sem Fronteiras*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 53-78, jul./dez. 2002.

NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. *Pedagogia e governamentalidade: ou Da Modernidade como uma sociedade educativa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Estudos Foucaultianos).

SILVA, S. G. *Governamentalidade neoliberal, educação e modos de subjetivação: o discurso do Enem*. 2018. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

172

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPel). Centro de Estudos em Políticas Educativas (Cepe). *Vídeos da tese Governamentalidade neoliberal, educação e modos de subjetivação: o discurso do Enem*. [Pelotas, 2021]. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/cepe/publicacoes/videos/>>. Acesso em: 4 nov. 2021.

VEIGA-NETO, A. Governo ou governo. *Currículo sem Fronteiras*, [S. l.], v. 5, n. 2, p.79-85, jul./dez. 2005.

Simone Gonçalves da Silva, doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e também professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação dessa Universidade. Integra o Grupo de Pesquisa em Gestão, Currículo e Políticas Educativas vinculado ao Centro de Estudos em Políticas Educativas (CEPE) da FAE/UFPel.

silva.simone@ufpel.edu.br

Álvaro Moreira Hypolito, doutor em Educação pela Universidade de Wisconsin (UW), é professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenador do Centro de Estudo em Políticas Educativas (CEPE); Bolsista do CNPq 1D.

hypolito@ufpel.edu.br

Recebido em 29 de junho de 2021

Aprovado em 14 de outubro de 2021